

TERRA VIVA



VANDANA SHIVA

TERRA VIVA

MINHA VIDA EM UMA BIODIVERSIDADE DE MOVIMENTOS

TRADUÇÃO

Marina Kater



© desta edição, Boitempo, 2024

© Vandana Shiva, 2022

Traduzido do original em inglês *Terra Viva: My Life in a Biodiversity of Movements*, publicado por Women Unlimited, em associação com a editora Kali for Women

Direção-geral Ivana Jinkings

Edição Frank de Oliveira

Coordenação de produção Livia Campos

Assistência editorial Marcela Sayuri

Tradução Marina Kater

Preparação Mariana Echalar

Revisão Fernanda Lutfi

Diagramação Antonio Kehl

Capa LeTrastevere

Equipe de apoio Ana Slade, Artur Renzo, Davi Oliveira, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Higor Alves, Isabella Meucci, Isabella Teixeira, Ivam Oliveira, Kim Doria, Letícia Akutsu, Luciana Capelli, Marina Valeriano, Marissol Robles, Mateus Rodrigues, Maurício Barbosa, Pedro Davoglio, Raí Alves, Renata Carnajal, Thais Rimkus, Tulio Candiotto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S56t

Shiva, Vandana

Terra viva : minha vida em uma biodiversidade de movimentos / Vandana

Shiva ; tradução Marina Kater. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2024.

216 p. ; 23 cm.

Tradução de: Terra viva : my life in a biodiversity of movements

ISBN 978-65-5717-339-8

1. Shiva, Vandana. 2. Biodiversidade - Conservação - Índia.
3. Ambientalistas - Índia - Biografia. I. Kater, Marina. II. Título.

CDD: 333.72092

24-87887

CDU: 929:502



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Este livro compõe a 41ª caixa
do clube Armas da Crítica.



Esta edição contou com apoio à tradução de:

**Fondation
Jan Michalski**



É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: março de 2024

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br

boitempoeditorial.com.br | blogdaboitempo.com.br

facebook.com/boitempo | twitter.com/editoraboitempo

youtube.com/tvboitempo | instagram.com/boitempo

SUMÁRIO

Olhando para a frente, olhando para trás.....	7
Árvores da vida: salvando a floresta.....	27
Sementes da liberdade: rumo à segurança alimentar.....	65
Mulheres diversas pela diversidade.....	115
Contra a apropriação: Gatt & OMC.....	133
A grande captação de água.....	149
Não às patentes da vida! Biodiversidade e biotecnologias	165
Permanecendo vivo: caos climático/ação climática.....	191
Somos o bioma, somos o viroma	201
Sobre a autora	211

PERMANECENDO VIVO: CAOS CLIMÁTICO/AÇÃO CLIMÁTICA

A Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), um tratado internacional para evitar a destruição da biodiversidade e regular as emissões de gases de efeito estufa que estão contribuindo para as mudanças climáticas, e a Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas foram assinadas simultaneamente em 1992, na Eco-92, realizada no Rio de Janeiro. No entanto, ao longo dos anos, essas duas questões ambientais foram desconectadas uma da outra e o resultado foi o aprofundamento da crise da biodiversidade e da crise climática, que hoje são emergências. As reuniões da Conferência das Partes não conseguiram abordá-las; ao contrário, tornaram-se uma plataforma para as empresas transnacionais e para os ricos do mundo, que são os principais responsáveis pelas mudanças climáticas e pela destruição da biodiversidade e agora querem encontrar novas formas de controlar e mercantilizar a natureza em nome do lucro.

Na preparação para a Cúpula sobre Mudanças Climáticas em Copenhague, em 2009, escrevi *Soil Not Oil* para reconectar a biodiversidade e as mudanças climáticas. Meu livro surgiu de uma palestra que dei para o Transition Town Movement, em Bristol, organizado por Patrick Holden¹, então diretor

1 Produtor de laticínios orgânicos no Reino Unido, defensor da alimentação e da agricultura sustentáveis, ex-diretor da Soil Association e fundador do The Sustainable Food Trust.

da Soil Association, e Rob Hopkins, fundador do Transition Town, uma iniciativa comunitária que atua em mais de cinquenta países e busca aumentar a autossuficiência e reduzir os potenciais efeitos do pico petrolífero, das alterações climáticas e da instabilidade econômica. Existem hoje de 2 mil a 3 mil comunidades participando de iniciativas do Transition Town no mundo todo. O desafio que essa silenciosa revolução em rede queria enfrentar era como podemos mudar a agricultura e os sistemas alimentares para reduzir os gases de efeito estufa e tornar a agricultura e os sistemas alimentares mais resilientes às mudanças climáticas.

Testemunhei como o petróleo devastou a terra e as comunidades. A Shell destruiu o delta do Níger e poluiu rios e vilarejos. Ken Saro-Wiwa, um importante escritor e ativista ambiental nigeriano, enfrentou a Shell na década de 1990 e a Shell conseguiu que ele fosse preso. Em 10 de novembro de 1995, Ken foi enforcado sob falsas acusações. Lembro-me de que estávamos na igreja Riverside, em Nova York, para uma aula organizada pelo IFG, quando a notícia da morte de Ken chegou até nós.

Vinte anos depois recebi um convite de Nnimmo Bassey e do Right Livelihood College, em Port Harcourt. Meus queridos amigos, a falecida Anita Roddick e seu marido, Gordon, que fundaram a The Body Shop, foram grandes apoiadores da resistência à Shell e às grandes petrolíferas. Quando Anita faleceu, em 10 de setembro de 2007, Gordon organizou um memorial em sua homenagem e me convidou para discursar. Nenhum político foi autorizado a falar. Em sua última entrevista à BBC, quando perguntaram a Anita se ela queria ser lembrada como a fundadora da The Body Shop, ela disse: “Não, quero ser lembrada como ativista”. Depois do memorial, marchamos até o escritório da Shell, em Londres, com cartazes que diziam: “Sou ativista”.

O governo do Equador me convidou para ser embaixadora do parque Yasuní, na Amazônia, para dar visibilidade aos crimes da gigante petrolífera Chevron contra os povos indígenas. Quando aconteceu o derramamento de petróleo da British Petroleum Deepwater Horizon no Golfo do México,

fui convidada por diferentes movimentos ambientalistas para processar a British Petroleum no Tribunal Constitucional. A Constituição do Equador é baseada nos direitos da natureza. O embaixador do Equador na Índia me trouxe um convite do presidente Rafael Correa quando a nova Constituição foi promulgada e ele foi eleito para o cargo. O embaixador disse que o presidente se sentiu profundamente inspirado pelo meu livro *Staying Alive*. Em 2 de novembro de 2010, Nnimmo Bassey, eu e outros processamos a British Petroleum com base nos direitos da Terra.

Como escrevi em *Soil Not Oil*, a transição para a ação climática é a transição de um pensamento e de um modo de vida baseados no petróleo para um pensamento e um modo de vida baseados no solo. A forma como cultivamos, processamos e distribuimos nosso pão de cada dia é o maior contribuidor para os gases de efeito estufa, que causam a crise climática ao poluir a atmosfera e perturbar os sistemas ecológicos autorreguladores da Terra e da natureza.

Na Cúpula de Copenhague, a Comissão Internacional sobre o Futuro da Alimentação e da Agricultura (ICFFA) também apresentou o *Manifesto sobre as mudanças climáticas e o futuro da segurança alimentar*, elaborado pela Fundação Shumei do Japão, a mais de mil ativistas climáticos. Organizei um painel sobre a agricultura ecológica e orgânica como solução climática. Maurice Strong, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, que presidiu a Eco-92, também esteve presente, assim como Patrick Holden, da Soil Association. Depois de Copenhague, o movimento que relaciona solo e agricultura começou a crescer. A Cúpula de Copenhague foi desnaturada pelo presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, quando ele se uniu aos principais poluidores e assumiu compromissos voluntários em vez de endossar as metas juridicamente vinculativas de redução das emissões que estão no centro da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima. Foi então que o presidente Evo Morales, da Bolívia, disse: “Estamos aqui para proteger os direitos da Mãe Terra, não os direitos dos poluidores”. Ele organizou uma Cúpula de Cidadãos sobre

os direitos da Mãe Terra e as mudanças climáticas, o que levou ao Projeto de Declaração dos Direitos da Mãe Terra.

Em setembro de 2009, a Assembleia Geral da ONU votou para que o dia 22 de abril, Dia Mundial da Terra, fosse referido como Dia da Mãe Terra. A declaração foi apresentada em 22 de abril de 2020 na Assembleia Geral da ONU sobre a “Harmonia com a natureza”, na qual fui convidada a falar.

A Aliança Global pelos Direitos da Natureza, da qual sou membro-fundador, também surgiu da Declaração dos Direitos da Mãe Terra. O fracasso de Copenhague criou uma nova abertura para que cidadãos e governos comesçassem a ver a Terra como algo vivo, ultrapassando o viés antropocêntrico e corporocêntrico que vê a natureza como algo inerte e passivo.

Escrevi *Oneness vs. the 1%* com meu filho, Kartikey, enquanto via a Cúpula do Clima de Paris de 2015 ser sequestrada por Bill Gates. A COP26, realizada em Glasgow em novembro de 2021, acelerou ainda mais a captura do sistema da ONU pelas grandes empresas e suas falsas soluções.

A crise climática é o resultado de um erro de dois séculos cometido pelo mundo industrial colonizador ao tornar a produção, o comércio e o consumo dependentes dos combustíveis fósseis. A natureza criou o carvão e o petróleo fossilizando o carbono vivo das plantas e de outros organismos ao longo de 600 milhões de anos. Ela os colocou no subsolo para os deixarmos lá. Em vez disso, nós os lançamos no ar para destruir a Terra, suas florestas e suas fazendas, o solo e a água, os sistemas climáticos e a biodiversidade, perseguindo a ilusão de que estávamos no caminho do progresso.

Ao longo do último século, desde o começo do monopólio global da Standard Oil, o mundo foi forçado a depender dele, uma dependência que foi definida como “desenvolvimento”. A ação climática representa uma eliminação do vício dos combustíveis fósseis. A dependência dos combustíveis fósseis criou uma forma mecanicista de pensar, que chamo de mentalidade “fossilizada”, um modo de produção industrial para satisfazer nossas necessidades diárias. Comemos petróleo. Bebemos petróleo. Respiramos petróleo. A era dos combustíveis fósseis criou políticas

governamentais e estratégias econômicas que privilegiam o petróleo e os sistemas baseados nele, e punem o solo e as economias vivas e locais baseadas no solo.

O industrialismo baseado em combustíveis fósseis desloca e destrói a biodiversidade e contribui para as mudanças climáticas. As perturbações climáticas intensificam secas, inundações e ciclones. Acontecimentos extremos têm um impacto mais desastroso quando o colchão da biodiversidade é destruído.

Agricultura industrial baseada em combustíveis fósseis, produção agrícola com uso intensivo de produtos químicos e sistemas alimentares industriais globalizados baseados no transporte de longa distância e nas milhas alimentares; ultraprocessoamento de alimentos com uso intensivo de energia, responsável pelo aumento de doenças crônicas; embalagens de plástico e alumínio, responsáveis por quase 50% de todos os gases de efeito estufa que emitimos. A produção agrícola industrial contribui com 11-15% dos gases de efeito estufa; a mudança no uso da terra, o desmatamento provocado pelo agronegócio para cultivo de soja transgênica na Amazônia e a destruição das florestas tropicais para cultivo de óleo de palma na Indonésia, Papua-Nova Guiné, Congo e Paraguai são responsáveis por 15-20%. O desperdício alimentar contribui com 2-4% dos problemas relacionados ao clima e à fome.

O sistema linear de agricultura extrativa está rompendo os processos ecológicos e as fronteiras do planeta e violando os direitos humanos. As três fronteiras cujos limites seguros já ultrapassamos são a integridade da biodiversidade, a diversidade genética e os ciclos bioquímicos do nitrogênio e do fósforo. Todos os três estão enraizados num modelo de agricultura que faz uso intensivo de produtos químicos e combustíveis fósseis. A destruição da diversidade genética e a transgressão da fronteira do nitrogênio ultrapassaram níveis catastróficos.

Setenta e cinco por cento da destruição do solo, da água e da biodiversidade do planeta emana da agricultura industrial, que também contribui

com 75% das doenças crônicas relacionadas à alimentação. O custo anual das doenças crônicas está hoje na casa dos trilhões. Não só o sistema climático está sendo perturbado, como a biodiversidade está desaparecendo. Poderíamos chamar a era dos combustíveis fósseis de a era dos desastres climáticos e da extinção das espécies: mais de duzentas espécies desaparecem diariamente por ataque de substâncias tóxicas.

A agricultura química não devolve matéria orgânica e fertilidade ao solo, exige mais água e destrói a capacidade de retenção de água do solo. O primeiro passo a ser dado para a ação climática é mudar nossa forma de pensar – da separação da terra para a inseparabilidade, e do paradigma da terra morta para o paradigma do planeta vivo. Nesse processo, ativaremos o poder de agir, cocriar e coproduzir com a Terra em vez de fazer guerra contra ela. Passaremos de um paradigma e de um sistema econômico que criam escassez para um paradigma e um sistema econômico que criam abundância e bem-estar para todos os seres humanos e todas as espécies. A transição para a agricultura orgânica regenerativa é a maior ação climática que podemos iniciar em nossas comunidades e por meio de nossos governos. É capaz de remover 100% dos gases de efeito estufa da atmosfera, ao mesmo tempo que regenera a biodiversidade, o solo e a água e produz alimentos saudáveis e nutritivos.

A agricultura intensiva em biodiversidade, livre de combustíveis fósseis e livre de venenos, produz mais nutrição por hectare, ao mesmo tempo que rejuvenesce o planeta. Ao intensificar a biodiversidade e respeitar a lei de retorno da natureza, podemos regenerar a rede trófica do solo, que é a fonte da reciclagem dos nutrientes, inclusive os ciclos de nutrientes que ligam o solo e as plantas à atmosfera. Como tudo está interligado e somos parte da Terra, quando cuidamos dela, também nos preocupamos com o bem-estar humano. É o caminho para a “fome zero” em tempos de mudanças climáticas.

O que os governos precisam fazer é parar de promover o paradigma do petróleo nas escolas e nas universidades e promover uma forma de pensar

centrada na Terra e baseada no solo; precisam parar de subsidiar combustíveis fósseis e agricultura industrial e começar a apoiar as comunidades que fazem a transição para sistemas alimentares e agrícolas locais, ecológicos, biodiversos, livres de venenos e de combustíveis fósseis. *Cuidar da Terra é ação climática.*

Humus é a palavra latina para solo e também é a raiz de “humano”. Cuidar da Terra é um dever ético e ecológico. Cuidando da Terra, plantamos as sementes do nosso futuro e daquilo que chamei de democracia da Terra. Também tomamos medidas para evitar a certeza da catástrofe climática.

O ano 2015 foi o Ano do Solo da ONU. Foi o ano em que assistimos a múltiplas crises – desertificação, seca extrema por causa das mudanças climáticas e deslocamento maciço de pessoas. Queríamos conectar a degradação do solo, a situação dos refugiados que morriam quando seus barcos afundavam no Mediterrâneo e os conflitos crescentes – como o da Síria, que se tornou uma guerra sem fim, assim como os embates em torno do lago Chade, na África, que está encolhendo cada vez mais. Sugeri ao ICFFA que organizasse uma reunião destinada a ligar os pontos. Lembro-me de que, enquanto ia de trem de Roma para Florença com minhas colegas Caroline Lockhart e Maria Grazia Mammuccini, perguntei a elas como se dizia terra viva e solo vivo em latim. *Terra viva*, disseram. O título do nosso manifesto passou a ser: *Terra viva: nosso solo, nossos bens comuns, nosso futuro*, e foi lançado na Expo Milão em junho de 2015.

No mesmo ano, também fizemos uma peregrinação pelo solo na Índia, saindo da cabana de barro de Gandhi, em Sewagram, e terminando no laboratório de Albert Howard, em Indore. Seu livro *Um testamento agrícola*, apoiado no conhecimento nativo dos agricultores indianos, é a base do movimento orgânico contemporâneo. Outros que se juntaram a mim na peregrinação pelo solo foram André Leu, presidente da Ifoam, Ronnie Cummins, da Organic Association, e Will Allen, que estava com oitenta anos e foi um dos pioneiros do movimento orgânico nos Estados Unidos.

Em setembro de 2015, marchei pelo clima em Nova York com Bernie Sanders², Bobby Kennedy Jr. e Bill McKibben³. Aqueles de nós que trabalham com agricultura orgânica, conservação da biodiversidade e regeneração do solo reuniram-se na Costa Rica, na fazenda Finca Luna Nueva, de Tom Newmark⁴, com outras pessoas preocupadas em encontrar soluções regenerativas para as mudanças climáticas. A Regeneration International foi lançada com Hans Herren, presidente da Iaastd. André Leu e Ronnie Cummins fizeram parte do comitê fundador, que logo se expandiu para incluir Precious Phiri⁵, do Africa Savory Hub, Ercilia Sahores⁶ da Vía Orgánica mexicana, Renate Künast, do Partido Verde alemão, o cineasta chinês John Liu, Tom Newmark e Larry Kopald, ambos do Carbon Underground. Os mesmos movimentos estiveram presentes na Cúpula do Clima de Paris para mostrar que a cultura do solo e do cuidado com a Terra tem potencial para encontrar as respostas aos problemas que a cultura do petróleo criou. Demos as mãos para escrever um novo pacto pela Terra.

Nossa sobrevivência exige que façamos esse novo pacto com a Terra, e entre diversos povos, baseado em uma nova visão de cidadania planetária. Um pacto baseado na reciprocidade, no cuidado e no respeito, no dar e receber, no compartilhamento equitativo dos recursos do mundo entre todas as espécies vivas. Começa por ver e valorizar o solo como uma entidade viva, uma *terra viva*, cuja sobrevivência é essencial para a nossa.

2 Político e ativista estadunidense.

3 Ambientalista, escritor e jornalista estadunidense, escreveu extensivamente sobre o impacto do aquecimento global.

4 Cofundador e presidente da Carbon Underground, cofundador da Regeneration International, presidente do Greenpeace Fund USA e do American Botanical Council, fundador do Sacred Seeds para a conservação de plantas e coproprietário da Finca Luna Nueva, um projeto agrícola biodinâmico e regenerativo na Costa Rica.

5 Especialista em desenvolvimento e treinamento em questões ambientais, práticas agrícolas regenerativas e organização comunitária.

6 Cientista política, especializada em relações internacionais, educação de adultos e desenvolvimento comunitário, é membro-fundador e diretora para a América Latina da Regeneration International.

O futuro será cultivado a partir do solo e crescerá a partir da terra, e não a partir de um mercado global distorcido de finanças fictícias, da personalidade corporativa e do consumismo. O ecocentrismo deu lugar ao antropocentrismo, que agora está dando lugar ao centrismo corporativo. Precisamos nos afastar dessa visão de mundo corporocêntrica e adotar uma visão centrada na nossa família terrestre. Onde quer que estejamos neste planeta, em toda a nossa diversidade, o solo é a nossa base. Devemos, como cidadãos da Terra, recuperá-la da manipulação e da ganância corporativa, e cuidar dela, juntos, em reconhecimento à nossa humanidade e à nossa responsabilidade comuns.

Nas vésperas da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2015, o mundo inteiro estava olhando para Paris. Esse encontro histórico foi um convite a todos os povos do mundo para fazerem uma ousada mudança: do paradigma da exploração para um paradigma de gratidão e retribuição, da privatização e do cercamento dos bens comuns para a defesa do nosso solo, sementes, alimentos, água e ar comuns. A crise climática, a crise alimentar e a crise hídrica estão interligadas, assim como as soluções. Elas não podem ser vistas como separadas.

Em novembro de 2015, antes da COP21, estive em Paris para lançar o Movimento Orgânico para a região da Grande Paris, a convite da rede Amap-Île de France, um movimento orgânico que liga agricultores e consumidores. No dia 9 de novembro, juntamente com Clotilde Bato, que dirige nossa parceria na França – a associação SOL, que significa solo –, plantei o jardim da esperança no Jardin Marcotte e o Cultures en Herbes, em Paris. Durante a COP21, na tarde do Dia Mundial do Solo (5 de dezembro), líderes em defesa da vida e do nosso planeta, representantes da Seed Savers (redes agrícolas apoiadas pela comunidade), líderes espirituais, artistas e cidadãos preocupados reuniram-se no parque La Villette, em Paris, e plantaram um jardim da esperança como um lembrete de que nossas sementes, nossos solos e nossa biodiversidade, quando estão nas mãos de agricultores locais e cidadãos zelosos, são a solução para as mudanças climáticas. Com o jardim da esperança e o novo pacto pela Terra, plantamos as sementes de uma nova cidadania planetária. Nossa jornada coletiva para fazer as pazes com a Terra continua.



Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas – COP 21 (Paris).
Da esquerda para a direita: Marie-Monique Robin, Winnie Byanyima, Vandana Shiva
e Mary Robinson (COP Paris/Wikimedia Commons).